

Tancredo

MORRE TANCREDO, NÃO A ESPERANÇA



Telefoto Estado

"Gostaria que esta casa fosse tão grande como o coração de Tancredo para trazer vocês todos aqui para dentro, onde vivemos e onde viveram os nossos filhos"

"Com o coração aos pedaços"

JOSÉ MARIA MAYRINK
ENVIADO ESPECIAL

Foi exatamente como previa Jorge Neves, um dos irmãos do presidente eleito. Caminhando pela ponte do Rosário, que cruza o córrego do Lenheiro no centro da cidade, ele parou um instante e comentou com os jornalistas: "Essa terra, esses sinos que viram a gente nascer e nos criar... está todo mundo baqueado. Vai ser duro aguentar". Naquela hora, às 8h50 da quarta-feira do adeus, os sinos das torres barrocas de São João del Rey dobravam mais uma vez — São Francisco de Assis dando o sinal, Nossa Senhora do Pilar, Mercês e Carmo respondendo do outro lado, dolorosas badaladas que marcam a morte dos irmãos de seculares confrarias.

No largo do Rosário, onde só se vê o verde-amarelo tarjado de luto em todas as janelas, mais de 200 pessoas já esperam atrás do cordão de isolamento. "Foi-se o homem, ficou a esperança" — dizia uma faixa que um grupo de amigos da cidade de Cláudio, a terra de dona Risoleta,



O BRASIL SEM TANCREDO

estendeu sobre a parede lateral da igreja. Junto ao solar dos Neves, parentes e amigos se apertavam as mãos, chegando a cada minuto. Os vizinhos olhavam pesarosos e um deles — da família de Geraldo Araújo — estendeu também a sua faixa: "Aqui a voz da liberdade quebrou o silêncio e fez-se música".

Três filhos do velho Joaquim Teodoro, que trabalhou muitos anos como feitor da fazenda de Tancredo Neves em Cláudio, colocaram-se bem no meio do largo do Rosário e ali ficaram mais de duas horas cantando e gritando o nome de cada membro da família Neves, toda vez que algum deles aparecia nas janelas do casarão.

"Meu pai pediu as contas há mais de 20 anos e o dr. Tancredo fez questão de pagar todos os direitos, pois naquela época já se preocupava com a justiça e a honestidade" — disse Joaquim Teodoro Filho. E suas irmãs Maria José e Maria Luzia concordavam, lágrimas sempre nos olhos. Cinco casas adiante, a caminho

do Pilar, dona Sílvia esperava na janela. Aos 85 anos de idade, ela não se lembra mais de sua história (diz que tem 38 anos e alguns meses) e confunde até o seu nome, mas não se esquece do dr. Tancredo, o amigo que sorria e cumprimentava, toda vez que passava a caminho da missa. "Que morte sentida, que morte mais bonita, mas ele era mesmo muito querido", repetia ela na sua janela, feliz com a mudança do roteiro que acabou fazendo o cortejo passar pela sua porta.

Dez aviões Tucano da Força Aérea Brasileira sobrevoaram o centro histórico de São João del Rey em formação de cruz e poucos minutos depois chegava o primeiro carro militar — o jipe do tenente-coronel Orlando Bini, comandante do 11º Batalhão de Infantaria, o Regimento Tiradentes.

Quando a escolta do Exército dobrou a esquina da rua Artur Bernardes e se aproximou da matriz do Pilar, a menina Kívia Assis Costa, de seis anos, exclamou: "Tancredo é o nosso presidente". E logo as flores vermelhas e brancas começaram a cair das varandas dos sobrados sobre o caixão coberto pela bandeira do Brasil no blindado do Regimento Tiradentes. Os sinos recomeçaram seu dobre de luto e morte, as cores verdes e amarelas se agitaram, as pessoas cantaram, gritaram e choraram.

"Queremos ver Tancredo, queremos ver Tancredo" — puxava uma voz que dali a um instante já era um coro. Uma mulher entoou "Oh Minas Gerais", um grupo interrompe cantando "está chegando a hora, o dia já vem raiando, meu bem, Tancredo está indo embora". E protestos políticos emendam que "o povo unido jamais será vencido". O Hino Nacional se confunde com o da Independência e, assim, enquanto os soldados do Exército tiram a coroa do blindado para levá-la ao solar dos Neves, a emoção vai invadindo cada vez mais, uma emoção incontrolável, o largo do Rosário.

"Emocionante" — diz o arcebispo dom Lucas Moreira Neves, vice-presidente da Congregação dos Bispos e secretário do Colégio dos Cardeais, chegando do aeroporto para rezar com seus primos da família Neves. Ele veio de Roma só para os funerais e, mais de um mês depois de 14 de março, ainda não entendeu tudo isso que aconteceu.

"Essa morte me lembra a de João Paulo I" — comentou ele, mas não revelou que mistérios ou suspeitas perturbam a sua mente.

Da primeira janela do solar, Octávio Neves, de 79 anos, o irmão mais velho, olha para o povo e acena com a mão direita, emocionado e sério, mas não parece estar chorando, como já estavam naquela altura todos os seus parentes nas outras janelas. Octávio enfrentou toda a doença com muita paciência e resignação, rezando para que fosse feita a vontade de Deus, como sempre repetia. Quando soube da morte, apenas bai-

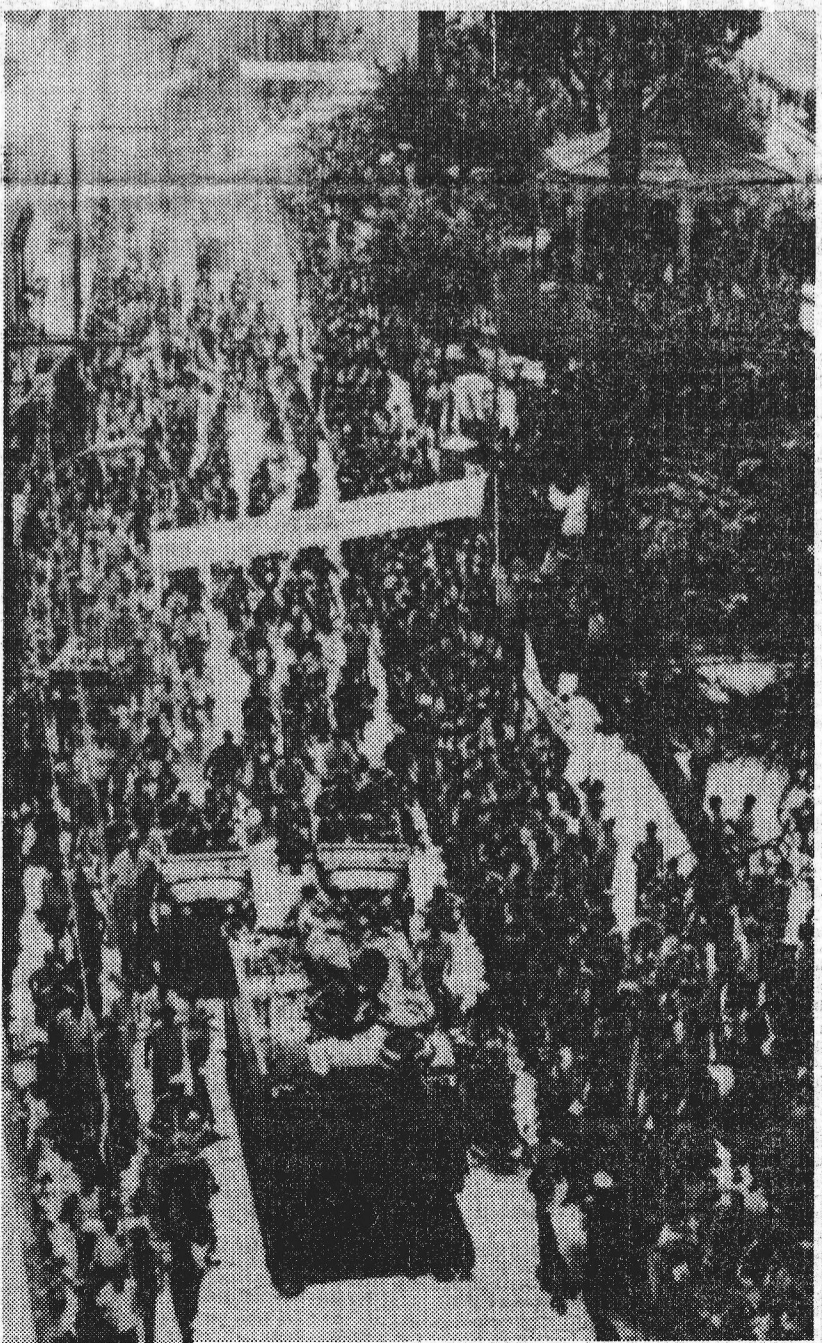
xou a cabeça e comentou: "Então Deus resolveu".

Quando Aécio Neves da Cunha entrou, um rapaz gritou "Deus te abençoe", a voz tremendo. Era um professor de Niterói, Rogério Figueiredo, de 29 anos, que viajou a noite toda para assistir ao sepultamento de Tancredo Neves. Era um desconhecido, mas chorava como se fosse parente.

Manoel Alcides da Silva, que passou 30 dos seus 82 anos a serviço dos Neves, furou o bloqueio dos soldados da PM e ficou de cócoras na calçada, olhos fixos no solar que já foi sua casa e seu trabalho. Lá den-

tro, bem atrás da austera figura de Octávio Neves acenando para o povo, um relógio de pêndulo marcava 7h16, parado no tempo.

Frei Betto (o dominicano Carlos Alberto Christo) apareceu na varanda, ao lado do secretário Mauro Salles, pediu silêncio e avisou que a família estava rezando junto do corpo de Tancredo Neves. "Vamos rezar com ela, recitando o Pai-Nosso e uma dezena de Ave-Marias" convidou ele, estendendo os braços num gesto que no mesmo instante toda a praça já imitava. Havia umas 300 pessoas junto da igreja do Rosário, firmes em sua solidariedade à dor dos Neves.



Telefoto Estado

"Queremos ver Tancredo, queremos ver..."

Antônio Britto, o rosto muito pálido e cansado, também apareceu à janela e recebeu uma prova de amor dos são-joanenses, todos gritando o seu nome.

"O povo decidiu, Tancredo continua presidente do Brasil" — começou mais um coro, enquanto outras vozes recitavam a oração de São Francisco de Assis: "Onde há ódio eu leve amor, onde há discórdia eu leve a união...". E outro coro puxou um canto triste que os católicos de Minas costumam cantar na despedida dos que partem para a eternidade: "Com minha mãe estarei, na santa glória um dia, junto com a Virgem Maria/no céu triunfarei, no céu, no céu/com minha mãe estarei".

Às 10h35, o povo que vinha gritando desde o início o nome de dona Risoleta teve a alegria de vê-la finalmente à janela. Era uma cena emocionante, uma mulher de preto olhando seus conterrâneos e acenando para eles com gestos de reconhecimento gratidão — primeiro a mão direita se levantando, depois as duas mãos cruzando como em oração. Suas palavras, no momento seguinte, foram mais um discurso de cortar qualquer coração. Ela disse quase chorando, mas ainda dominando cada palavra:

"Gostaria que esta casa fosse tão grande como o coração de Tancredo, para trazer todos vocês aqui para dentro, onde vivemos e onde viveram nossos filhos e nossos netos, para que todos pudessem abraçá-lo". E depois pediu que todos acompanhassem com calma e ordem o cortejo do corpo até a igreja de São Francisco de Assis, onde todos poderiam "acariciá-lo e olhar o seu rosto pela última vez".

Já não havia só lágrimas, eram soluços que enchiam agora o largo do Rosário. Dona Risoleta dizia que falava "com o coração aos pedaços", mas não era só ela que sofria nesse momento de tamanha emoção. Rogério Figueiredo, o professor, perdeu o controle e chorou outra vez como o filho que perde o pai. Do outro lado da rua, Deise viu a tia caindo dentro de casa e começou a gritar: "Tia Carlita não, tia Carlita não". Ela achou que dona Carlita, de 76 anos, estivesse morrendo.

Apenas desmaiou, o corpo caindo na sala, a mão sumindo na janela com uma bandeirinha do Brasil. O fotógrafo Jorge Araújo, da Agência Folhas, fez uma seqüência dessa cena e também não agüentou a emoção. Sentiu-se mal e teve de ser amparado pelos companheiros repórteres. Aos 15 anos de profissão, foi a primeira vez que isso aconteceu com ele: "Vendo a mulher caindo e a mão baixando com a bandeira do Brasil, eu me senti como um soldado que atira no inimigo que morre. A gente é frio nessas horas, mas chega um ponto que a gente não agüenta".

Às 10h51, o sino do Rosário anunciou a partida do cortejo fúnebre do solar dos Neves e os sinos de São Francisco começaram a dobrar

para receber Tancredo, irmão e ministro de sua venerável Ordem Terceira. Quando a urna passou pela esquina da igreja, Raul Andrade de Oliveira ficou emocionado. Ele vestia um terno riscado que Tancredo Neves lhe dera de presente em 1934. Estava muito orgulhoso de vestir tal raridade e comentou:

"Não gosto de salientar, nunca dei entrevista, mas ninguém tem uma relíquia como esta. Se dona Risoleta me visse, ia gostar. Fui encerrador aí na casa dos Neves durante muitos anos."

O cortejo fúnebre, que agora já parecia mais uma procissão, atravessou a ponte do Rosário e caminhou em direção à igreja de São Francisco. Dona Risoleta ia no banco de trás do carro do governador de Minas, acenando com um lenço branco para as pessoas que lhe jogavam flores, a maioria chorando. O ministro Mauro Salles baixou-se, apañou um crisântemo branco e foi andando em silêncio.

Na entrada da igreja, Jorge Neves contou como foi a meia hora da família junto ao corpo de Tancredo



O BRASIL SEM TANCREDO

no solar: "Dom Lucas e o padre Moreira Neves rezaram conosco e depois alguns parentes falaram algumas palavras. Primeiro eu, depois minha irmã Zínia, depois nosso sobrinho Breno".

Quando a família Neves recebeu a urna para transportá-la até a nave central da igreja (quem devia fazer isso, pelo cerimonial, eram cadetes militares das três Armas), o povo começou a cantar "Peixe vivo", uma canção folclórica que acompanhou também o presidente Juscelino Kubitschek na vida e na morte: "Como pode o peixe vivo/viver fora da água fria/como poderei viver, como poderei viver/sem a tua, sem a tua, sem a tua, companhia". Havia umas sete mil pessoas na praça — muito menos do que se calculava. "Ontem se falava que haveria umas 70 mil pessoas" — disse o capitão Magela, relações públicas do Regimento Tiradentes. Mas nem o Exército nem a Polícia Militar estavam preocupados com o tamanho da multidão. Sua preocupação era que ocorresse tudo em ordem, sem repetir o que acontecera em Belo Horizonte.